

SIMÃO  
SEM  
MEDO



# SIMÃO SEM MEDO

MIGUEL GRANJA

Ilustrações de Beatriz Bagulho



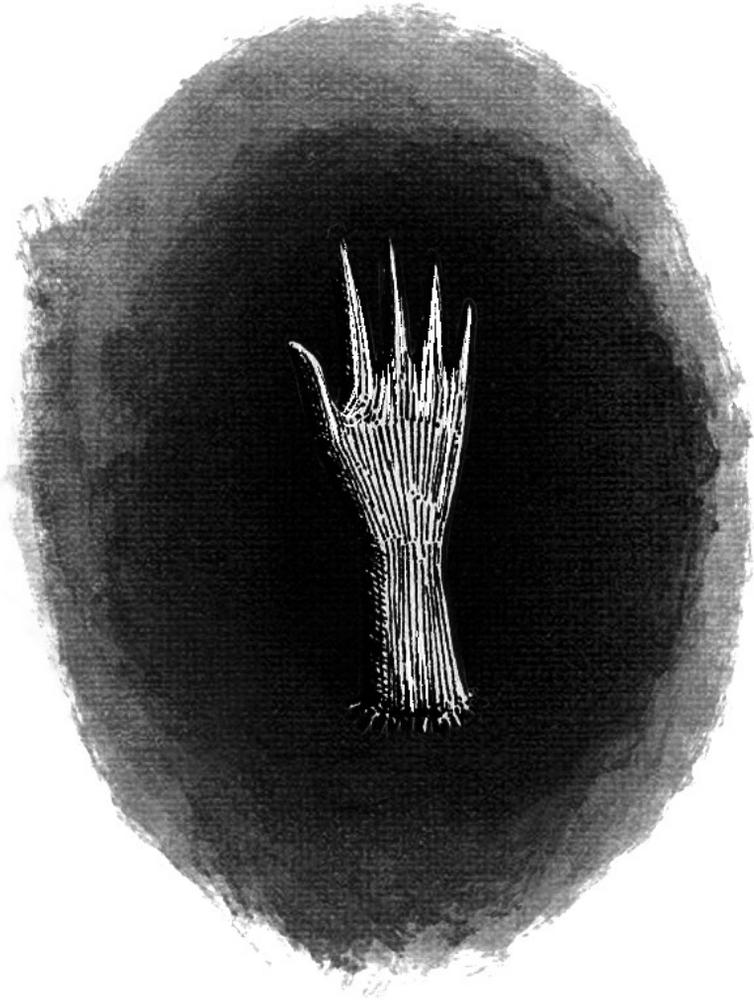
MOINHOS

## Sumário

Prólogo	11
I. O pátio	13
II. O fantasma	15
III. Dentro do guarda-roupa	19
IV. Matilde, a rinoceronte-jardineira	23
V. O reino das cerejeiras	27
VI. A princesa florinda e a maldição dos narigudos	30
VII. A feiticeira e os dois dragões	32
VIII. Uma ideia brilhante	37
IX. Rumo ao palácio	43
X. No palácio	47
XI. Uma noite no palácio	50
XII. Segundo plano	53
XIII. A travessia do lodaçal	56
XIV. A rã Beatriz	60
XV. O bosque do pé coxinho	65
XVI. A feiticeira	70
XVII. A ponte de cristal	75
XVIII. Os dragões	80
XIX. A verdade	83
XX. A tamboril sofia e o espadarte leandro	86
XXI. Junto do rei dos mares	92
XXII. Quebrou-se o feitiço	96
XXIII. A chave líquida	101
Xxiv. A orquestra de rãs	104
XXV. De volta aos jardins das cerejeiras	108

XXVI. Figas atrás das costas	113
XXVII. As rolas das dunas de cardos	116
XXVIII. A efêmera	119
Xxix. A ponte das sereias malditas	123
XXX. O ataque das orquídeas carnívoras	127
XXXI. No labirinto dos demônios narigudos	130
XXXII A descida para junto dos demônios narigudos	134
XXXIII. O ninho dos demônios narigudos	138
XXXIV. Uma nova verdade	142
XXXV. O pelicano gigante	147
XXXVI. Dona melina	150
XXXVII. A mãe nariguda	155
XXXVIII. Renasce a esperança	158
XXXIX. Uma descoberta fascinante	162
XL. Reencontro com a Matilde	166
XLI. À porta do palácio real	169
XLII. A doença do medo	174
XLIII. A feiticeira desvenda o segredo	177
XLIV. Reflexões	181
XLV. O voo do bufo-real	185
XLVI. A maldição da princesa azeviche	188
XLVII. A troca de mãos	191
XLVIII. O regresso	195
Epílogo	201





## *Prólogo*

Chamo-me Simão. Simão sem medo, como diria a avó Celeste, há muitos anos atrás. Eu não sei bem o que é ter medo, por isso, também não sei o que é não o ter.

Sou um rapaz como os outros, apenas com a particularidade de usar uma luva na mão esquerda. Uma luva que eu nunca descalço, faça frio ou calor, quer chova ou faça sol.

Na escola arreliam-me, na rua olham-me de esguelha e em casa estranharam esta “mania” no início mas acabaram por aceitar.

A história desta luva é o que vos vou contar a seguir. A história da luva que eu escolhi calçar. A história de uma aventura que parece um sonho. É um segredo.

Tudo começou quando reencontrei o jardim da cerejeira que tínhamos nas traseiras da nossa casa. Um jardim que tinha sido coberto por cimento.

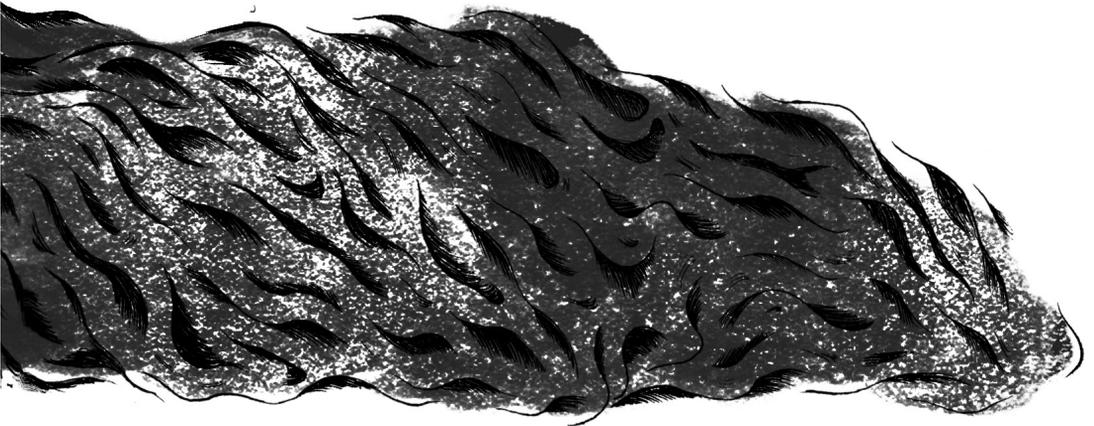


## I. O pátio

Não gosto quando chove ao domingo. Não gosto quando chove em agosto. Num desses dias, ali estava eu, olhando o céu cinzento desfazendo-se numa chuva grossa que escorria pelos vidros das janelas do meu quarto. Em agosto a chuva é sempre mais grossa, talvez por não contarmos com ela.

O que mais me arreliaava era eu não poder ir brincar para o pátio. Não era um pátio bonito. Na realidade, agora, não passava de um saguão escurecido pelo prédio novo de muitos andares que tinham construído em frente à nossa casa. O pátio ficou mais escuro e, com o cimento com que o cobriram, ficou ainda mais frio.

O pátio já tinha sido um jardim, cercado por um muro de pedra e com uma enorme cerejeira. A cerejeira que também já não existe. Cortaram-na porque estava doente, disseram-me no dia em que cobriram tudo de cimento.



– Já ninguém trata do jardim. Não tem utilidade nenhuma.

Isto foi o que o pai disse. Mas eu gostava do jardim. Era nele que a avó Celeste se sentava a descascar ervilhas com a bacia de esmalte azul ao colo e a falar-me da rinoceronte Matilde. Quando cimentaram o jardim, as abelhas deixaram de esvoaçar lá fora.

Quando chovia ao domingo, eu ficava o dia todo em casa. Como não havia escola, nem recados a fazer, não havia desculpa para sair e saltar por entre as poças. De vez em quando, eu abria a janela com jeitinho e estendia o braço para sentir os pingos de chuva a molharem-me a mão.

– Olha que ficas doente e depois tens que tomar xarope de cenoura! – dizia a mãe, naquele tom de voz entristecido que ela tinha desde que cortaram a cerejeira.

Eu não gosto nada do xarope de cenoura. É demasiado doce e tem um gosto estranho que se cola à garganta o dia inteiro.

Na sala, aos domingos, cheirava ao jornal que o pai folheava tão lentamente como o andar do ponteiro dos minutos do relógio de parede. Acho que por isso é que nunca gostei de domingos: o cheiro a jornal, os olhos tristes da mãe e o xarope de cenoura colado à garganta.

Naquele domingo de agosto, como nos outros, fiquei à janela do meu quarto, a ver a chuva a cair no pátio de cimento. A avó entrou no meu quarto:

– Meu Simão sem medo! – a avó sempre me tratou por “Simão sem medo”. Não sei como aconteceu, mas o que é fato é que eu nunca tenho medo de nada.

– Tens saudades do jardim, não é? – a avó Celeste sabia ler-me os pensamentos, eu nem precisava de falar.

Acenei que sim. Não era preciso falar.

– Sabes que o jardim não desapareceu. Continua ali, escondido debaixo do cimento – olhei para a avó sem perceber bem o que

dizia. E ela continuou, sussurrando: – Sim, o jardim ainda existe, Simão. E há uma maneira de chegar até ele.

– Como?

– Isso é um segredo. Um dia conto-te – a avó piscou-me o olho e saiu do quarto.

## II. O fantasma

– A avó morreu, Simão... – disse-me a mãe com a mesma voz com que me dizia que não havia dinheiro para uma bicicleta nova.

Eu queria chorar, mas não tinha vontade. Queria estar triste, mas não estava. Todos choravam à minha volta. E até o pai, que costumava barafustar com a avó Celeste, e ela com ele, naquele dia não falava e tinha os olhos tão tristes como eu nem sabia que ele podia ter.

No dia em que a avó Celeste morreu, estava sol, mas dentro de nós havia nuvens grossas, daquelas que nos apertam a garganta.

Eu não sei o que é morrer. Para mim, é como se a avó Celeste se tivesse demorado na mercearia, como se tivesse ficado à conversa com as vizinhas e se tivesse esquecido de voltar para casa. Eu sei que a avó não volta, que não posso dar beijinhos nas rugas macias, mas voltei a vê-la depois da sua morte.

Eu nunca acreditei em fantasmas, mas, naquela noite, ao passar pelo quarto da avó Celeste, antes de me ir deitar, espreitei pela porta encostada do seu quarto e vi-a sentada ao espelho. Esfreguei os olhos. Ali estava ela, com o cabelo branco solto e a pentear-se calmamente. As rugas tinham quase desaparecido e nem se via o chão, coberto pelos longos cabelos brancos, como um manto de neve.

Foi nessa noite que ela, ao ouvir-me a espreitá-la a pentear-se, me chamou.

– Simão sem medo! – confesso que, nessa noite, me assustei um pouco. Mas ela continuou: – Entra... – a sua voz era mais

suave ainda, era voz de avó, mas também voz de fantasma. E piscou-me o olho.

Apesar de estar surpreso por ver pela primeira vez aquela avó fantasma, eu entrei.

– Avó! – eu não sabia o que dizer, todo aquele cabelo pelo chão. Fiquei à porta, com medo de pisar onde não devia.

– Entra – a avó Celeste estendeu-me a mão direita.

Eu entrei e ela piscou-me o olho outra vez. Quando ela me piscava o olho eu sabia que não havia motivo para ter medo, era o nosso código.

Quando a avó era só avó, quando não estava ao espelho com o cabelo espalhado pelo chão, ocupava-se só a descascar ervilhas. Era nessas alturas que me falava da rinoceronte Matilde, que pendurava as cerejas na cerejeira.

Naquela noite, era diferente: o cabelo estava solto e chegava ao chão e a voz era de segredo.

– Fecha a porta! – disse ela. E voltou a piscar o olho. “Ali havia gato”, pensei eu, mas só com os meus botões, que é uma maneira de se pensar o que se quer sem ninguém saber.

Eu fechei a porta e o fantasma transparente da avó virou-se novamente para o espelho e continuou a pentear-se.

– Calha mesmo bem que aqui tenhas vindo hoje, meu Simão sem medo... – eu mal conseguia prestar atenção ao que a avó fantasma dizia.

Do lado de fora do vidro, pequenas fadas verdes esvoaçavam e diziam-me adeus, umas sorriam, outras não. Era um enxame de umas vinte. Eu nem sei se é enxame que se diz para um grupo de fadas, mas como tinham asas de mosca, acho que enxame é a palavra mais adequada. A avó sorriu ao ver-me a observar as fadas.

– São umas tontas, não lhes liguem. Estão à minha espera – disse a avó, com um sorriso nos lábios.

– À sua espera? – perguntei eu, intrigado.

– Sim, já vais perceber – respondeu ela.

A avó fantasma continuava a pentear-se com muita calma, à luz da sua vela. Ela tinha nascido e vivido no campo. Depois disseram-lhe que estava doente e trouxeram-na cá para casa. Nunca se habituou à eletricidade e, à noite, no seu quarto, tinha sempre e apenas uma vela acesa.

– Um dia pega fogo à casa inteira! – resmungava a mãe que tinha medo de muitas coisas.

Pousando a escova na cômoda onde tinha o espelho, o fantasma da avó virou-se para mim e sorriu.

– Lembras-te de eu te dizer que o jardim ainda existia? – perguntou a avó, piscando o olho mais uma vez.

– Lembro – respondi eu, desejoso que fosse aquele o dia em que me tinha dito que me mostraria onde se escondia o jardim.

A avó fantasma Celeste agarrou no próprio cabelo, abriu a porta do guarda-roupa e desapareceu por ele adentro. Eu nem queria acreditar que a avó acabara de entrar no guarda-roupa. Fiquei ali estupefato, sem conseguir dar um passo.

– Anda! Não tenhas medo! – a voz dela ecoava, como se estivesse muito, muito longe.

Primeiro espreitei, mas não se via nada. Cheirava aos saquinhos de alfazema que a avó usava para afastar as traças. De repente, ouvi as fadas a baterem no vidro da janela e, como a avó não estava a ver, fui abrir para as deixar entrar. Ficaram tão contentes que se puseram a esvoaçar pelo quarto inteiro.

– Então? Não vens? – a voz da avó soava cada vez mais longínqua.

Cuidadosamente, lá entrei também pelo guarda-roupa adentro.



### *III. Dentro do guarda-roupa*

Dentro do guarda-roupa tudo tinha mudado, só se mantinha o cheiro a alfazema. Não havia roupas nem cabides. Apesar de estar bastante escuro, com a luz que vinha da vela no quarto via-se os primeiros degraus de uma escada íngreme e comprida, da qual não se via o fim. Uma escada que parecia a escada de um castelo, feita de degraus pretos e brancos.

– Anda, estou aqui ao cimo da escada! – eu ouvia a voz da avó Celeste, só não a conseguia ver. – Mas cuidado! – dizia ela ao longe. – Para subir, só podes pisar nos degraus pretos, e, para descer, nos brancos.

Lá comecei eu a subir às apalpadelas, pisando apenas nos degraus pretos.

Não se via quase nada e eu ia fechando e abrindo os olhos, a tentar habituar-me à escuridão cada vez maior. À medida que ia subindo, o quarto da avó Celeste ficava lá para trás, cada vez mais longe.

Tinha subido catorze degraus, e a escuridão tornou-se completa.

– Avó! – chamei em direção ao topo da escada. Mas não houve resposta.

E eu gritei ainda mais alto:

– AVÓ! Não vejo nada! – nada, não se via mesmo nada, e eu fiquei estacado no décimo quarto degrau.

A avó Celeste desaparecera pela escada acima e eu sem saber o que fazer. No escuro, era impossível distinguir a escada, quanto mais os degraus pretos dos brancos.

Estava a virar-me para voltar a descer, quando ouvi um zumbido de um enxame. Foi então que surgiram, voando, as fadas verdes, a quem eu tinha aberto a janela. Só então me apercebi como brilhavam. Eram autênticos pirlampos verdes e, com a sua luz, a escada tornou-se visível novamente.

As fadas tinham parado junto a mim e faziam cabriolas e caretas mesmo junto à minha cara. Umam riam, outras não. Com muito cuidadinho para não as assustar, recomecei a subir a escada, só pisando nos degraus pretos. O enxame de fadas mantinha-se perto de mim, acompanhando-me, e, com a luz que irradiavam, eu pude continuar a subir a escada preta e branca.

No cimo da escada, deparei-me com uma porta de madeira. Não havia maçaneta, nem trinco, nem nada que a pudesse abrir. Primeiro, empurrei-a com todas as minhas forças. Mas ela não se movia nem um milímetro. Depois, comecei a dar murros na porta e a chamar “Avó! Avó!”. Fiz tanto barulho que as fadas se assustaram e apagaram as suas luzes.

Ali fiquei eu, no cimo da escada, completamente às escuras, sem poder regressar. Não via a escada e muito menos poderia distinguir os degraus brancos para descer. Foi então que dei um pontapé na porta.

– Aiiiiiii! – gemeu alguém na escuridão.

– Quem é que está aí? – disse eu, desconfiado e surpreendido.

– Tu estás tonto? Assim a dar-me murros e pontapés? – era a porta! A porta falava!

– Desculpa! – respondi eu, envergonhado.

– Não é preciso dares-me murros e pontapés – respondeu a porta, bastante ofendida.

– Mas estavas fechada... e... – desculpei-me eu.

– Sim – interrompeu a porta zangada –, estou fechada, mas não é motivo para me agredires. Basta pedires com gentileza e eu abro.

Nunca tinha visto uma porta que falasse, e muito menos que tivesse sentimentos e exigisse ser bem tratada. Tive um pouco de vergonha de lhe ter batido e pedi gentilmente:

– Podes abrir, se faz favor? Quero ir ter com a minha avó.

Ouviu-se um estalinho muito baixo e a porta abriu-se lentamente. De repente, era dia e o céu estava muito azul. Subi os últimos degraus e trepei para uma relva muito verde. Ainda me virei para a porta:

– Muito obrigado!

Sem responder, ela voltou a fechar-se lentamente.

